

# A coincidência da cruz com a espada

por António Souto

A Igreja Católica em Moçambique foi historicamente aliada do colonialismo e do fascismo. Esteve intrinsecamente confundida com toda a acção de domínio, subjugação, desculturação, opressão e massacre do povo. Esteve intimamente ligada à guerra colonial de agressão para impedir a libertação do Povo moçambicano.

Entre esta acusação feita a 6 de Dezembro de 1978, em Maputo, numa reunião de estruturas do Partido e Governo com os bispos da Igreja Católica em Moçambique, e o que os comprometidos com o aparelho repressivo colonial revelaram há duas semanas, na sua reunião com o Presidente Samora Machel, a diferença estabeleceu-se apenas ao nível do pormenor e dos autores das acusações.

Esta diferença torna-se, porém, decisiva para hoje podermos compreender a luta interna que a Igreja Católica no nosso país tem de travar dentro dela para se moçambicanizar.

Os relatos, que há duas semanas ouvimos, nada acrescentam às críticas e denúncias feitas anteriormente com base num imenso manancial de factos. Mas esses relatos oferecem-nos o sabor amargo das recordações daqueles que traíram o seu povo porque foram manipulados pela aliança da Igreja Católica com o colonialismo e o fascismo.

Não se trata, portanto, de novas acusações à Igreja Católica, o que já foi objecto de crítica e denúncia é, por demais, contundente para que aquela instituição religiosa possa ignorar as suas responsabilidades.

Trata-se de compreender o sentimento de cidadãos moçambicanos que, para poderem reassumir a sua dignidade e conquistarem a liberdade das suas consciências, não podem deixar de relatar a sua ligação com a Igreja Católica.

— A minha ligação com a ANP constitui o culminar de toda uma trajectória de comprometimento político — disse um dos comprometidos como introdução ao seu relato, explicando mais adiante:

— Entrei ... para o «Diário» de Lourenço Marques, dos padres. Aí começa a trajectória do meu comprometimento com o colonial-fascismo. Isto porque, ao serviço deste jornal, como eu era o único preto, o director, que era o padre Luis Santos (membro permanente na ONU) viu em mim, um preto, para o projectar. Foi chamado várias vezes ao seu gabinete, onde tive sessões de lavagem ao cérebro.

É ainda este cidadão que, ao Interpretar a sua trajectória de compromisso, sublinha com notória lucidez:

— Mas devo também dizer que tive uma educação fascista que começou desde criança. Ful interno da missão de S. José de Lhangueno educado pelos padres... Quando no jornal «Diários



comecei a ser chamado para o gabinete do director, foi apenas uma questão de consolidação daquilo que eu já aprendera antes...

No decurso dos dois primeiros dias da reunião com os comprometidos surgem numerosos outros relatos que, como este, sublinham o papel da Igreja Católica como suporte ideológico do colonial-fascismo.

A antiga aliança entre a espada e a cruz, segundo os historiadores portugueses, promovida desde o início da expansão colonial quando missionários embarcavam nas caravelas juntamente com presidiários, soldados e comerciantes, está deste modo ainda bem presente na memória de moçambicanos que foram instrumentalizados para se oporem à libertação do seu povo.

Dos relatos destas trajectórias de compromissos, apercebemo-nos com pormenor que a ANP, em Moçambique, não era de facto, por si só, um partido. Era, sem dúvida, um movimento fascista, porém, sem as componentes ideológicas que caracterizam um partido.

Junto da população moçambicana, particularmente no seio da juventude, é a Igreja Católica que, de modo absoluto, exerce as funções ideológicas da ANP, propagando os conceitos fundamentais do colonial-fascismo. Surge-nos, assim, com a clareza proporcionada pelos pormenores dos relatos daqueles que sofreram e viveram dentro das estruturas desta aliança, que a ANP em Moçambique apenas foi um partido na sua profunda e estreita unidade com a Igreja Católica.

As distintas e complementares funções da cruz e da espada surgem-nos, porém, através destas memórias, de tal modo ligadas que, por vezes, se torna difícil saber onde começa uma e acaba a outra.

Há casos onde o movimento fascista — a ANP — está totalmente ausente, sendo as suas funções inteiramente realizadas por relações directas entre a Igreja Católica e a PIDE/DGS. Passando por cima os casos de denúncias feitas à PIDE/DGS por membros daquela instituição religiosa, importa aqui sublinhar os «acórdos» a nível de organizações.

— O director da escola — recordou um comprometido, referindo-se à Escola de Habilitação de Professores Indígenas do Alvor — que era o sr. padre Macedo dos Reis, chamou-nos, a mim e a outros três colegas, e disse-nos que nos arranjava um

Comprometidos

25/5/82

145

bom emprego mesmo sem termos concluído o curso. Estávamos no último ano. Aceitámos (como era habitual) que ele fizesse de nós o que bem entendesse. Mandou-nos preparar a roupa e, no dia seguinte, viemos. Fomos apresentados ao sr. António Fernandes Roquete, no Comissariado da Polícia. Depois, fomos levados a casa do sr. Marques Ferreira. A partir daí...

A partir daí... tornaram-se agentes da PIDE/DGS, opuseram-se à luta de libertação do seu povo, à libertação que, afinal, também desejavam. A libertação pela qual também certamente lutaríamos, se não fosse a manipulação de que foram alvo por parte da Igreja Católica.

D. Custódio Alvim Perelra, ex-Arcebispo de Lourenço Marques, e actualmente com as mais altas funções na Basílica de S. Pedro, em Roma, oficializa e estimula esta colaboração directa e activa quando, em Agosto de 1961, entre outros «grandes ensinamentos» afirma:

— A independência é algo indiferente para o bem-estar dos homens...; Ainda que o movimento seja pacífico, convém que o cetero se abstenha, a fim de poder cuidar espiritualmente de todos. O superior pode impor esta obrigação e impõe-la de facto em Lourenço Marques...; Os povos nativos de África têm a obrigação de agradecer aos chamados colonizadores os benefícios deles recebidos...; As pessoas instruídas têm a obrigação de desbaratar as ilusões independentistas nos que são menos instruídos...

A Igreja Católica pode hoje afirmar que isso faz parte do passado e dos condicionalismos impostos pelo colonialismo. Pode afirmá-lo, mas não o deve fazer, pois, como é evidente, não há presente sem passado.

Nesse passado, por exemplo, há seminaristas moçambicanos que se recusaram a aceitar os «grandes ensinamentos» de Alvim Perelra e acabaram por ser expulsos. Outros aceitaram. Naturalmente, como consequência desse passado, entre os que aceitaram tais «ensinamentos» estão bispos e sacerdotes que constituem parte da Igreja Católica de hoje, em Moçambique.

Desse passado, por exemplo, há cerca de 10 por cento da população moçambicana que foi convertida ao catolicismo e, hoje, gozando do direito constitucional de praticarem livremente a sua crença religiosa, querem fazê-lo limpos das heranças, humilhações e compromissos à moda de Alvim's e Roquete's.

Mas esse passado marcou profundamente. É visível nas muitas memórias que ouvimos. É visível no característico modo de andar e falar dos que passaram largos anos em seminários...

É visível em tantas coisas, porque a aliança entre a cruz e a espada foi a tal ponto que, não raras vezes, a cruz pegou na espada. Por isso, essa libertação da cruz torna-se difícil. Exige antes de mais uma libertação das consciências através, em primeiro lugar, de uma identificação com o povo.

Neste sentido, os dois primeiros dias da reunião da Direcção do Partido com os comprometidos foi, também, uma contribuição para a libertação da própria Igreja Católica.